

TRIEB À DERIVA

Lucas Mota Oliveira¹

INTRODUÇÃO

Com este ensaio, busca-se fazer ponderações sobre a possível tradução do termo alemão *Trieb* para o nosso vernáculo "deriva", com destaque para as suas potencialidades. *Trieb*² (pulsão, impulso, "instinto", deriva) é um termo de uso comum no idioma alemão, sendo de raiz germânica antiga (LAPLANCHE et al. 1991), Nietzsche já o utilizava, mesmo sem o ter sistematizado, como fez Freud, mas ambos utilizaram o conceito de *Trieb* ao teorizar sobre a dinâmica psicofísica (ITAPARICA, 2021). O professor André Luís Mota Itaparica ensina que “enquanto para Freud o impulso era uma forma de estímulo fisiológico com correlatos psíquicos, para Nietzsche os impulsos humanos eram uma ramificação orgânica da vontade de potência, que teria também o seu correlato psicológico (o sentimento de potência)” (Ib. p.20).

DO SIGNIFICADO DE *TRIEB*

O conceito de *Trieb* é central na metapsicologia freudiana, sendo considerado o segundo mais importante, logo após o de inconsciente (TAVARES, 2011). Ele foi utilizado pelo psicanalista pela primeira vez em 1905, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (CHEMANA, 1995). Em relação à ontologia, *Trieb* foi “exposta como o representante psíquico de uma energia que leva ao movimento, ou ainda uma espécie de demanda por ação que seria feita ao psiquismo cuja fonte seria o processo excitatório em um órgão” (AZEVEDO, 2015, p. 69). Nota-se que Freud, ao longo de sua produção, faz a nítida distinção entre *Trieb* (na fronteira entre o psíquico e o somático) e *Instinkt* (determinado biologicamente) (LAPLANCHE et al. 1991; CHEMANA, 1995).

¹ Estudante de Psicologia da UFBA. Contato: lucas.mota@ufba.br

² Inicialmente, neste ensaio, será usada a palavra "pulsão" para designar *Trieb*, em especial por harmonia às citações diretas feitas ao longo do texto. Posteriormente, será utilizada também a palavra "deriva".

Em 1915, no texto “A pulsão e os seus destinos”, Sigmund Freud descreve que *Trieb* seria “(...) um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal”. (FREUD, 1915/2013, p. 72). Freud argumenta que para a psicanálise o ser humano não se resume às suas funções biológicas, afinal, os aspectos culturais, linguísticos, socializadores também constituem o sujeito ao longo de suas experiências subjetivas, que dão nuances às até mesmo às necessidades corporais:

Logo, encontramos primeiramente a essência da pulsão em suas principais características, ou seja, sua origem em fontes estimuladoras no interior do organismo e sua ocorrência como força constante, o que nos conduz a outro de seus traços distintivos: sua inexpugnabilidade pelas ações de fuga. (Ibid.)

Nesse sentido, *Trieb* se origina no corpo físico, mas se desenvolve e opera tanto no aspecto somático (corpo físico, imaginário, socialmente reconhecido e usado) quanto no psíquico (todo o esforço do aparelho psíquico para construir e operar uma realidade), permanecendo na fronteira entre ambos, que permanecem em contato sem, no entanto, se misturarem. A fronteira não é peremptoriamente discernível, trata-se, de uma zona interseccional, na linguagem freudiana e implica também aquilo que não pode ser dito, o que há de indizível no humano (a parte que jamais poderá ser toda dita). Isso porque *Trieb* não é vivenciada pelo sujeito, e sim os sintomas causados, bem como os representantes psíquicos, como as ideias e os afetos (LAPLACHE et al. 1991).

Trieb é conceituada por Freud (1915/2013) correlacionada a quatro termos: pressão, meta, objeto e fonte. A pressão (*Drang*) está articulada ao orgânico, à força quantitativa (na mesma lógica da física) que pressiona a um determinado objetivo. "Por pressão de uma pulsão entende-se seu fator motor, a soma de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. O caráter impelente é uma característica geral da pulsão, sua própria essência. (FREUD, 1915/2013). A meta (*Ziel*) "(...) é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional" (Ibid.) O objeto (*Objekt*), por sua vez, "(...) é aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta. É o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação" (Ibid.). Já a fonte (*Quelle*) é orgânica, há uma fonte de onde a pulsão parte, trata-se de um "(...) processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão" (Ibid.).

Observa-se que Freud conceituou os dualismos pulsionais, apesar das pulsões serem “originárias de uma mesma energia” (AZEVEDO, 2015, p. 71). O criador da psicanálise apresenta a "(...) suposição de que todas as pulsões são qualitativamente da mesma ordem e de que devem seu efeito apenas às magnitudes de excitação que cada uma veicula (...)" (FREUD, 1915/2013, p. 75). O primeiro dualismo dividiu pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, o segundo entre pulsões de vida e pulsões de morte (LAPLANCHE et al. 1991; CHEMANA, 1995).

Nota-se que a pulsão existe, o que pode determinar o seu caráter é a finalidade, a quais experiências ela está levando o sujeito a ter, não devendo ser pensadas em pulsões que já originalmente possuam determinada qualidade, afinal, algo que possa estar relacionado à vida, como se alimentar, a depender do modo, da intensidade, da experiência, pode levar o sujeito à morte. Neste ensaio fala-se de *Trieb* no seu sentido geral, por isso o seu uso no singular (CHEMANA, 1995).

DA TRADUÇÃO DE *TRIEB*

Apesar da sua relevância, ou por conta dela, a sua tradução de *Trieb* para outros idiomas permanece como algo ainda não pacificado, o que se deve também por sua complexidade conceitual (SCHIAVON, 2010) - eu diria: por sua sofisticação conceitual - que a confere status mitológico na psicanálise (Ib.), uma quimera na “fronteira entre o psíquico e o somático” (Ib. p. 126). O processo de tradução é uma atividade complexa "(...) é feita necessariamente da diferença entre línguas e linguagens, sociedades e culturas, épocas, ideologias; entre recursos tecnológicos e entre possibilidades humanas de acesso às produções culturais" (FROTA, 2015, p. 277). O professor Pedro Heliodoro Tavares ressalta que "não há tradução sem perdas, sem desvios e sem interesses" (TAVARES, 2011, p. 379). Quanto ao vocábulo *Trieb*, Heliodoro o considera como o mais controverso do léxico freudiano a ser transposto a outros idiomas, ele destaca que o próprio Freud admitiu tal dificuldade, chegando a afirmar que muitas línguas modernas invejariam a alemã por ter essa palavra. (Ibid., p. 382).

Por questões de direitos de propriedade intelectual - as obras de Freud apenas foram consideradas como de domínio público há pouco mais de uma década - a tradução oficial disponível aos brasileiros em português advinha de outra tradução feita do original em alemão para o inglês sob a coordenação de James Strachey (Id., 2011). Esse tradutor optou pelo uso do termo *instinct* (instinto), com anotações de rodapé sobre as

especificidades, o que foi seguido pela versão brasileira (Ibid.). Ocorre que se o termo "instinto" tem que ser utilizado com aspas, ou com observações que o retirem do uso cotidiano, então a palavra já deixa de ter o sentido comumente usado, afinal, é incomum o conhecimento do seu sentido etimológico, devendo-se sempre recorrer à notas de rodapé, além de que Freud se referia a *Instinkt* ao falar dos animais.

A opção por impulso deixa de ser plenamente satisfatória, pois conota uma força emitida de uma vez, ao contrário de *Trieb*, que trata de uma força constante e ininterrupta, uma "*konstante Kraft*" (Id., 2013, p. 83). Já a opção pelo uso do termo pulsão, apesar deste autor o considerar o mais apropriado desses três mencionados, por remeter à especificidade de *Trieb* tanto ao caráter somático quanto ao psíquico, não é uma palavra usada no cotidiano nacional. Atualmente, as versões das obras de Freud em inglês traduzem *Trieb* como *drive*, o termo etimologicamente¹ correspondente, sendo "deriva" o termo equivalente em português (Id., 2011).

Tavares (2011) comenta, ainda que a origem etimológica de deriva também pode estar relacionada ao termo francês *dérive*, por sua vez originado do latim *derivare*, que remete a *rivus* (rio) "e esse não parece ser um dado qualquer, já que o estilo freudiano – nas frases caracterizadas pelo tempo presente e na escolha de seu vocabulário – é extremamente marcado, por um lado, pelo devir e pela fluência e, por outro, pela imposição de forças" (Id., 2013, p. 81). Desse modo, a tradução de *Trieb* para deriva revela-se proveitosa e adequada, essa palavra em substantivo, assim como as outras possíveis traduções, pode ser permeada por meio da educação, assim como tem sido feito com pulsão, "instinto", ou impulso.

TRIEB À DERIVA: UMA FANTASIA

Imaginemos a deriva como um rio: há uma nascente biológica, uma fonte (*Quelle*) ainda indecifrada, que gera uma corrente não consciente de fluxo constantemente existente. Ao longo da deriva, a pressão (*Drang*) pode mudar, levando os mais diversos objetos (*Objekte*) que nele se encontram e por meio dos quais se direciona à meta (*Ziel*), a satisfação. Mas estar à deriva pressupõe que há algo em meio a outro algo - como uma folha no rio - mas que pode ser próprio e igualmente irresistível, como na teoria da Deriva

¹ Com significações e derivações a partir do seu radical em alemão em diversas áreas do conhecimento de colocar em movimento, força motora, conduzir, tocar adiante, força vital de crescimento, fluir, seguir o fluxo, transferir o movimento, algo levado pelas correntes d'água, algo à deriva, como destaca Tavares (2011).

Continental, quando nem toda a massa de terra existente na crosta do planeta resiste às forças do magma no manto da própria Terra. Trata-se de uma totalidade. Como elucidada Tavares, *in verbis*:

O que está à deriva é impelido, movido, levado por uma força que se percebe como alheia, e eis aqui a diferença maior: na deriva essa força é de fato alheia. Já em relação aos *Triebe*, eles são, em termos freudianos, oriundos do Isso [*Es*], mas o Eu [*Ich*] os percebe como sendo uma “força alheia”, rejeitando-os, mesmo sendo aquilo que o sujeito tem de mais próprio e singular. (...) Os *Triebe*, aproveitando a polissemia de deriva e derivar, derivam do interior do sujeito-corpo, “brotam” desse interior, mas também derivam, “desviam-se” para outra coisa que não o puro determinismo biológico do instintual. (TAVARES, 2013, p. 80-81).

Os representantes psíquicos da deriva, como as ideias e os afetos (LAPLANCHE et al. 1991), poderão apontar o percurso que está sendo traçado, pois a deriva, em si, está no campo do indizível, do inapropriável, do inconsciente, de modo que são os resultados gerados que a qualificam, não havendo uma imputação prévia constituindo a deriva, seja como de preservação da espécie ou de satisfação do prazer, seja como de vida ou de morte. Ao considerar a hipótese da deriva "(...) a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprimível da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto" (Ibid., p. 394), afinal, pode algum sintoma apontar para uma deriva que passa a ser considerada como de vida, entretanto, a depender da sua intensidade e dos modos de realização, pode, também, levar à morte, afinal, a direção aponta para a sua satisfação, venha como vier:

Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria “necessidade”, e para o que suspende essa necessidade, “satisfação”. Ela pode ser alcançada somente através de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos (FREUD, 1915/2013, p. 71).

Recorrendo à fantasia do rio, podemos considerar os objetos estando à deriva como um barco - sem a presença de homúnculos - seguindo o fluxo irreprimível da corrente d'água. A clínica psicanalítica pode, de algum modo, investigá-la, havendo, provavelmente, mais questionamentos do que respostas. Aonde leva essa deriva? Como ela se satisfará? Estaria ganhando uma velocidade incontrolável? Esse rio está seguindo um curso, mas o objeto nele está em uma parte da corrente que o levará ao encontro espalhafatoso com as rochas, à uma banda tranquila ou uma queda vertiginosa e última considerando a morte como a meta de toda a vida? Freud já dizia que "(...) todo ser vivo morre por razões internas, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que

o vivente" (FREUD, 1920/2010, p. 149). Esse fim inexorável ganha relevância no desenvolver do pensamento freudiano:

Quanto mais Freud avança em sua obra, mais considera a noção de pulsão de morte indispensável à psicanálise, chegando a constituir quase toda sua base conceptual. Em particular, julga que ela é a base do princípio primordial de funcionamento do aparelho psíquico. Este último repousa na tarefa — jamais concluída, sempre recomeçada — que consiste em reduzir a excitação e, portanto, a tensão do organismo ao menor nível possível. À primeira vista, é a busca da satisfação — o princípio de prazer — que submete o sujeito, pela descarga pulsional, a esse ponto de estiagem. Porém, Freud também viu nisso, fundamentalmente, a expressão da pulsão de morte, pois esse retomo ao ponto de partida, ao nível mínimo de excitação, de alguma forma, é o eco da tendência que leva o organismo a retornar às origens, a seu estado primordial de não-vida, isto é, à morte. (CHEMANA, 1995, p. 181).

Todo rio chega ao ponto de deixar de ser rio. Todo rio encontra a sua "morte". A deriva constitui-se como hipótese dessa corrente de energia interna, da quimera psíquica e somática - que devido às diferentes densidades, não mistura tais aspectos, mas os aproxima. Já que *Trieb* não é ela mesma vivenciada pelo sujeito - e sim os seus sintomas -, então o termo a ela correspondente, deriva, além de ser etimologicamente correlato, possui a vantagem de atizar a imaginação, pois o termo já é existente no vocabulário vernáculo, sendo de fácil associação com metáforas e figuras de linguagem, meios gramaticais adequados à compreensão do que é intangível e abstrato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra deriva revela-se como uma tradução possível, adequada e, para este ensaísta, desejável, pois apresenta-se como a opção que, a seu modo, melhor satisfaz a imagem trazida por *Trieb* na sua concepção original, como compreendida pelos falantes do idioma natal de Sigismund Schlomo Freud. O seu maior potencial está na fantasia imaginativa que o vocábulo evoca ao se propiciar a feitura de analogias e metáforas relacionadas aos desejos, aos afetos, às ideias e às ações, que representariam as derivas no fluxo caudaloso existente no mais íntimo constitutivo do ser.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. **O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud**. Revista Subjetividades, Fortaleza, v. 15, n. 1, pp. 67-75, abr. 2015.

CHEMANA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Francisco Franke Settineri. — Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. In: Sigmund Freud - Obras Completas, Volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **As Pulsões e seus Destinos (1915)**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FROTA, MP. **Tradução & psicanálise – um encontro a convite de Freud**. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. Tradução & perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 277-302. ISBN 978-85-68334-61-4. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-13.pdf>>. Acesso em 02/11/2021.

ITAPARICA, André Luís Mota. **As teorias dos impulsos de Nietzsche e Freud**. Cadernos Nietzsche [online]. 2021, v. 42, n. 1, pp. 15-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-82422021v4201almi>>. Acesso em: 02/11/2021.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Dir. Daniel Lagache. Trad. Pedro Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

SCHIAVON, J. P. **Pragmatismo pulsional**. Em: Cadernos de Subjetividade, Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. São Paulo, 2010, pp. 124-131.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **As "derivadas" de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano**. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2011, v. 50, n. 2, pp. 379-392. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200009>>. Acesso em: 01/11/2021.

_____. **Sobre a tradução do vocábulo *Trieb***. Em: FREUD, Sigmund. As Pulsões e seus Destinos. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 73-88.